

MARINHO, Marildes; CARVALHO, Gilcinei Teodoro (org.). *Cultura escrita e letramento*. Belo Horizonte, MG: Editora UFMG, 2010. 533p.

Adriana Vieira \*

\* Jornalista, professora de Língua Portuguesa e especialista em tecnologia em educação

Essa publicação reúne artigos de pesquisadores de referência nacional e internacional, participantes de debates ocorridos no primeiro (2007) e segundo (2008) Colóquio Internacional sobre Letramento e Cultura Escrita, realizados pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). O conjunto de textos aborda questões referentes aos termos alfabetização e letramento, apresentando diferentes concepções a eles subjacentes assim como as várias perspectivas que orientam as pesquisas e o ensino na área, envolvendo conhecimentos da Antropologia, Educação, Psicologia e Linguística.



Na *Apresentação*, os organizadores da obra enfatizam que “a promessa deste livro não é a de buscar homogeneidade conceitual, muito menos a de focalizar o tema em abordagem única” (p. 23). Recapitulando a introdução da palavra letramento no Brasil – que ocorreu em meados dos anos 1980 –, os autores mostram a importância do termo para o campo das pesquisas, como uma ferramenta teórica para se compreender os modos e as condições com que a sociedade brasileira lida com a escrita, mas também como fundamento metodológico para o ensino da leitura e da produção de texto. Apontam que é um conceito ainda em construção no Brasil e por isso a necessidade de refletir sobre suas contribuições, mal-entendidos e tensões.

Atualmente, a concepção de letramento que tem tido mais influência na área acadêmica brasileira reporta aos Novos Estudos sobre o Letramento – *New Literacy Studies* (NLS), que guardam uma grande aproximação com o pensamento de Paulo Freire, marcado por fundamentos políticos, sociais e antropológicos da alfabetização, leitura e escrita. Não é à toa que o artigo de abertura do livro, “Os novos estudos sobre o letramento: histórico e perspectivas”, é de Brian V. Street, professor no King’s College da Universidade de Londres e um dos expoentes do NLS. Ele sintetiza sua trajetória acadêmica, apresentando ideias e conceitos que se relacionam com a compreensão de letramentos – no plural – por meio de contextos culturais. Indica as perspectivas etnográficas de estudos sobre o tema, destacando a noção de *práticas de letramento*. Mais do que descrever *eventos de letramento* e buscar regularidades, essa noção de prática, conforme Street, possibilita fazer uma reflexão com implicações para políticas de educação.

O segundo texto de abertura da publicação é “Práticas de letramento e implicações para a pesquisa e para políticas de alfabetização e letramento”, de Magda Soares, professora emérita da Faculdade de Educação da UFMG. Ela faz uma reflexão sobre os conceitos de letramento no Brasil em comparação com os mesmos em outros países, levantando diferenças e mostrando como a palavra semanticamente está saturada. Enfatiza a necessidade no Brasil de estudos do tema sob a perspectiva da antropologia e de maior investimento em pesquisas sobre as práticas de letramento presentes e desenvolvidas na escola e suas relações com as práticas fora da escola.

Os demais capítulos fazem um exercício conceitual e focalizam o tema em diferentes áreas de estudo. Abordam a relação da cultura escrita e situações de trabalho; a história das culturas dos escritos; oralidade e escrita; as consequências sociais e cognitivas decorrentes da inserção das pessoas no mundo da escrita; numeramento e letramento científico; letramento literário; alfabetização e letramento em práticas de ensino.

Os rumos do letramento e da alfabetização numa época em que os computadores são parte integrante da sociedade é assunto do último capítulo do livro. O artigo “A cultura escrita na sala de aula (em tempos digitais)”, da professora associada da UFMG Carla Viana Coscarelli, aponta a necessidade de a escola ajudar seus alunos a desenvolverem competências e habilidades importantes para o letramento digital. “O texto não é mais o mesmo” (p. 515). Além de não serem mais essencialmente verbais – o que já acontecia antes –, agora é muito mais fácil fazer e publicar textos multimodais, que envolvem diferentes linguagens. Coscarelli acredita numa ampliação das possibilidades

do texto e da comunicação e não numa revolução que implicaria uma mudança completa das bases teóricas do texto. Para ela, “Alfabetizar letrando não é ensinar a lidar apenas com livros e cadernos” (p.521).

A coletânea, portanto, apresenta um quadro teórico e conceitual diversificado sobre letramento, alfabetização e cultura escrita, explicitando o quão complexo é o tema. Mas também propõe reflexões que apontam caminhos e possibilidades para a pesquisa, o ensino e as políticas educacionais.